

POSFÁCIO

GUIDA VIEIRA: UMA MULHER NO CENTRO DA LUTA SINDICAL E FEMINISTA

Dirigente sindical, revolucionária e feminista, Guida Vieira apresenta-nos uma parte significativa da sua história de vida que fará os anais da UMAR e da história do movimento feminista em Portugal.

Este livro é uma preciosidade no que se refere aos contributos para conhecermos como se forma, se constrói a agência feminista das mulheres, como o colectivo, o pessoal, o político e o público se entrelaçam com contradições, mas também com um fio condutor que faz a autora escrever «missão cumprida». Como muitas de nós podemos corroborar, qual a razão por que se fica em posição de dirigir, é difícil de discernir. Pode conhecer-se o movimento, as pessoas, as dinâmicas, que levam a pessoa a estar em posição de liderar o colectivo, de expressar o sentir do grupo, reunir as sensibilidades, continuar o caminho.

É também das contradições no seio das organizações de «classe», que trata este livro, quando nos apercebemos que a luta das mulheres está muitas vezes atravessada pela luta pelas e com as mulheres mesmo que isso signifique enfrentar alguns dirigentes cuja «lata» vai ao ponto de solicitar às mulheres que abdicuem dos seus mais elementares direitos de cidadania. Simultaneamente, do enfrentar das provocações, ameaças e ataques, em casa e na rua, por se «atreverem» a invadir o espaço público e a assumirem os seus destinos nas suas próprias mãos.

As lutas contra os preconceitos de género e contra o patriarcado, não apenas em termos sindicais mas também nas reivindicações ligadas à legalização do aborto e ao combate à violência marital, ficam bem visíveis, nestas memórias, e não podem ser separada da luta anti-capitalista, sob pena de as nossas vitórias serem ainda mais parciais e efémeras.

Trabalho há muitos anos com memórias, com histórias de vida de mulheres, e a frescura primaveril que as narrativas sempre me trazem continua a surpreender-me de cada vez que ouço ou leio os percursos de vida, as lutas escondidas, as batalhas públicas, as vitórias, os momentos mais difíceis.

Guida Vieira, em «letra bem visível», «escrevendo à sua maneira», oferece-nos a sua narrativa, as «memórias sindicais» de alguém que percorreu décadas da história de um país que viveu uma revolução e não foi capaz de a agarrar. Deixa um sabor a pouco, na possibilidade que trazia de construir uma democracia mais igualitária.

A violência doméstica ou pública perpassa no seu texto e vemos como a luta contra todas as formas de opressão e discriminação se entrelaçam numa história feita de estórias do activismo.

São narrativas como estas que ajudam a derrubar os mitos de que as mulheres não trabalhavam, de que estariam em casa, domésticas, a tomar conta das crianças. «Dentro de casa» foi sempre um universo opaco a interpretações sociais. E as histórias de vida de mulheres mostram-nos quanto de trabalho, de dor, também de alegria, passa no interior das quatro paredes de «dentro de casa». Crianças e mulheres trabalhavam no interior desse universo com a garra com as primeiras multidões saíram dos espaços dos ofícios e integraram as manufacturas, aquando da industrialização nos países centrais.

A Guida recorda-nos um tempo de crianças descalças, de uma cidadania amputada para a maioria das pessoas, sobretudo mulheres e crianças. «Felizes por viver» mas muito pobres, é a síntese de um tempo onde a luta se via amarrada á preocupação pela sobrevivência.

Bordadeira, costureira, operária de tapeçaria, apaixonada pelos livros do Eça de Queirós, que queria vir a ser professora, e a quem as discriminação patriarcal impediu de realizar o seu sonho.

Esta história dá-nos, em primeira mão e na primeira pessoa, uma perspectiva do cruzamento entre as questões de classe e de género, já que a autora deste livro bem afirma que não foram as dificuldades financeiras que a impediram de prosseguir nos estudos, mas sim a mentalidade da época em relação às meninas e às mulheres. Mas a Guida persistiu e, em 1974, estudava e trabalhava, como hoje muitas mulheres ainda fazem — tenho alunas de licenciatura, mestrado e doutoramento, com filhos, com horários de trabalho imensos, com uma sede de prosseguir, de conhecer, que mostram a força destas protagonistas da história.

Ao som da «Grândola Vila Morena» se formou esta dirigente revolucionária, sindical e feminista também activista da UMAR, levando o testemunho das lutas das mulheres para o interior da ilha da Madeira, como outras companheiras que ela vai referindo no texto.

A leitura constitui, igualmente, uma aprendizagem colectiva, da importância da solidariedade, ontem como hoje, e uma fonte de conhecimento sobre a «luta pelo espaço da mulher nesta terra», sobre como é importante unir as lutas das mais «velhas» e das mais «novas».

Reconhecer a nossa história nos percursos de Guida Vieira é um exercício de liberdade como é o de passear pelas suas fotografias (e os poemas da Conceição Pereira) e reencontrar a mulher que foi, a jovem que se construiu, a cidadã que conhecemos. Ligando tradição e modernidade, através do seu contributo no sindicato das bordadeiras, podemos melhor compreender o lugar das mulheres na vida social, nas lutas por condições dignas de trabalho e pelo direito a serem pessoas de forma completa.

Obrigada.

Maria José Magalhães

Presidente da UMAR e Investigadora do CIE - FPCEUP